

outros mundos: mais mundos: entre mundos: mundos - I

Andityas Soares de Moura Costa Matos
Joyce Karine de Sá Souza

Parafraseando Guy Debord, em uma das passagens de *Pornotopia* Paul Preciado afirma que as “coelhinhos” da Playboy eram capital em um grau tão intenso de acumulação que teriam se transformado em corpo. Com isso Preciado confirma e radicaliza as análises de Debord nos anos 50 e 60 do século passado, tendentes a revelar o processo de capitalização do mundo que, contudo, não se limitaria apenas às imagens, invadindo e domesticando os corpos vivos e, em última análise, a própria vida. Diante de um diagnóstico aparentemente tão inapelável, parece que toda resistência seria vã, dado que estaria condenada a se integrar nos onipresentes circuitos semióticos do espetáculo global. Todavia, tal se deve a um singular erro de interpretação, a uma sinédoque antropocêntrica que toma a parte pelo todo e insiste em ler na vida humana o resumo e o ápice de toda vida. Dessa feita, uma alternativa ético-política realmente revolucionária nos nossos dias passa pela necessária compreensão das dimensões *outras* da vida que, apesar de não serem imunes ao poder espetacular, constituem *anticampos* – opostos, portanto, aos *campos* teorizados por Giorgio Agamben – em que se gestam experimentos colaborativos, imanentes e potentes que, por se colocarem de alguma maneira *fora* de nossas subjetividades e sensibilidades, apontam para caminhos de reversão do processo necropolítico de redução de tudo o que é vivo ao destino miserável de tornar-se imagem mercantil.

Nesse sentido, este segundo número da *(Des)troços: revista de pensamento radical* pretende refletir em seu dossiê temático, coordenado pela Profa. Dra. Joyce Karine de Sá Souza, sobre *outras vidas* que habitam ou podem habitar este e *outros mundos* imagináveis, de forma a participar da potência política que as *outras* nos oferecem diante da mesmice do espetáculo humano. Vidas animais, vidas vegetais, vidas maquinais, vidas *alien* são então apenas alguns exemplos de formas *outras* que, por não serem humanas, nem por isso carregam consigo a marca da negatividade, eis que se afirmam em seus próprios termos, que cabe a nós compreender e maximizar, em uma aliança acêntrica, horizontal, múltipla e comunal com o que não é humano para, paradoxalmente, tornar de novo habitável o mundo. Trata-se, portanto, de uma aliança multiespécie da vida contra a morte representada pelo capital espetacular.

Essas *outras vidas* dizem respeito a potencialidades antagonistas e ético-políticas diante do atual cenário espetacular-necropolítico, em um diálogo com autores que pensam: a complexidade e o caráter democrático-plural das plantas, a exemplo de Stefano Mancuso e Emanuele Coccia; a potência do animal, suas mutações e relações autorrecursivas diante do humano, a partir do pensamento de sábios indígenas como Davi Kopenawa e antropólogos como Eduardo Viveiros de Castro e seu perspectivismo ameríndio; as dimensões filosóficas e as vertigens das máquinas e seus derivados (robôs, ciborgues, inteligência artificial etc.), na linha de autoras como Donna Haraway;

e, por fim, a vida possível, a vida completamente outra, de fora, imaginada por filósofos como Frédéric Neyrat no campo do que ele chama de alienoceno.

Para além do dossiê, a revista traz a seção de artigos de caráter geral que se vinculam à temática do pensamento radical, bem como inaugura as seções de resenha e de intervenção, as quais não se sujeitam aos rituais do *double blind review* como as demais, passando muito mais por uma dimensão política e antagonista, como logo se poderá conferir. Por fim, resta-nos agradecer a Amora Ju, Anaïs Tondeur e Remy Branco pelas belíssimas imagens que ilustram nossa edição. Frisamos que a revista está aberta e ansiosa para publicar não apenas imagens as mais variadas que digam respeito às temáticas dos dossiês a ao universo em geral do pensamento radical, mas também textos ensaísticos ou mesmo literários que se afastem dos cânones acadêmicos, como é o caso de algumas contribuições presentes neste número. Desse modo, a *(Des)troços* confirma sua vocação mutante e móvel, caminhando para ser algo diferente de uma revista “científica” e que não sabemos ainda bem o que é ou pode ser.

Belo Horizonte

19 de agosto de 2021